



DANÚBIO GONÇALVES: REALIDADES GRAVADAS EM XILOGRAVURAS

Norberto Stori. UPM
Petra Sanchez Sanchez. UPM

RESUMO: As xilogravuras de Danúbio Gonçalves das séries Xarqueadas e Mineiros de Butiá da década de 1950, criadas no período do Clube de Bage e do Clube da Gravura, faz um registro histórico e social desse tempo; são situações vivenciadas, são obras verdadeiramente expressivas e não meras ilustrações. Essas xilogravuras desenvolvidas em madeira de fio, madeira de topo e linóleo, apresentam sem subterfúgios técnicos e formais as condições desumanas a que certos trabalhadores - matadores de bois, e os mineiros - de determinada região do Rio Grande do Sul eram obrigados a se sujeitarem profissionalmente na lida diária para o próprio sustento e de seus familiares. As xilogravuras com cortes diretos, limpos, seguros, incisivos e sintéticos foram elaboradas com flutuações de luz e sombra.

Palavras-chave: Danúbio Gonçalves, Xilogravuras, Xarqueadas, Mineiros de Butiá, Registro Histórico.

ABSTRACT: *The woodcuts of Danúbio Gonçalves, of the Xarqueadas and Butia miners series of the 50's decade, created during the period of Bage Club and engraving Club, make a social and historical record of the period; these are situations experienced, truly expressive works and not mere illustrations. These woodcuts developed in wire wood, wood and linoleum, technical and formally present the inhumane and tragic conditions experienced by certain workers – ox slaughters and miners of a given region of Rio Grande do Sul forced to face professionally on daily basis to support themselves and their families. The woodcuts with direct, clean, strong, elaborate and synthetic cuts were made with fluctuations of light and shadow.*

Key words: *Danúbio Gonçalves, Woodcuts, Xarqueadas, Butiá Miners, Historical Record.*

Danúbio Gonçalves, artista contemporâneo que já faz parte da historia da arte brasileira, continua a produzir excelentes obras artísticas. Dentre suas produções, pretende-se pesquisar parte da sua realidade visível e palpável, e sua produção gráfica da década de 1950: as xilogravuras das séries *Xarqueadas* e *Mineiros de Butiá*.

Ao produzir as gravuras dessas séries, temos a convicção de que o seu trabalho conseguiu um expressivo resultado gráfico. De forma notável, suas mãos serviram para transformar conhecimento, sensibilidade e criatividade em arte. A

propósito, cabe destacar que na obra de Danúbio percebe-se que ele nunca se preocupou em enquadrar-se em determinados acontecimentos artísticos contemporâneos, mantendo-se sempre fiel a si mesmo e à expressão figurativa. Crê no trabalho diário, no lado operário do fazer artístico e não somente no conceito, acredita na arte como um elemento transformador da sociedade. Cria e recria o espírito de uma sociedade ativa, sempre em mudança. Com suas mãos, grava a sua presença como homem e como artista de sua época.

Nasceu em Bagé-RS em 1925, tendo realizado a sua primeira exposição individual aos 19 anos de idade. Com apenas 23 anos foi agraciado com dois prêmios importantes no 53º Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. A partir dessas experiências ampliou o seu horizonte, partindo em busca de conhecimentos e vivências artísticas pelo mundo.

Danúbio Gonçalves participou da formação do Grupo de Bagé na década de 1940, na cidade de Bagé/RS. As experiências do grupo, foram muito importantes para a divulgação da gravura artística brasileira, tanto no Brasil como no exterior. Inicialmente, o Grupo de Bagé foi formado por vários artistas, entre os quais citamos: Vasco Prado (1914-1998), Jacy Maraschin (s/d) e Ernesto Wayne (s/d) que, através do intelectual Pedro Wayne (s/d), entraram em contato com Carlos Scliar (1920-2001), Danúbio Gonçalves (1925) e Jose Moraes (1921-2003), que se juntaram aos artistas Francisco Stockinger (1919-2009), Glênio Bianchetti (1928), Glauco Rodrigues (1929-2006) e Trindade Leal (1927). Inicialmente criaram um atelier coletivo de artes plásticas com ênfase em pintura. Desse modo, em 1948 fizeram a primeira exposição de suas produções artísticas na galeria do Auditório do Correio do Povo em Porto Alegre/RS, tendo sido apresentados pelo crítico de arte Clóvis Assunção, que deu aos jovens artistas o nome de “Grupo de Bagé”.

O Grupo de Bagé criou em 1950 na cidade de Porto Alegre/RS o Clube de Gravura de Porto Alegre/RS, com a participação dos artistas Glênio, Glauco, Danúbio e Scliar. O Clube de Gravura de Porto Alegre, acabou propiciando o surgimento de vários outros grupos semelhantes, como o de São Paulo/SP, o de Mário Gruber (1927) que com o Grupo 19 deu sua contribuição no final dos anos 50.

O realismo regionalista foi marca presente nas obras dos artistas do Grupo de Bagé e do Clube de Gravura. O Clube de Gravura teve como fonte de referência o *Taller de Gráfica Popular*, do México, criado em 1937, tendo sido de fundamental importância para o desenvolvimento das artes plásticas daquele país. Os componentes do Clube de Gravura, tiveram também como referência artística além do *Taller de Gráfica Popular*, o Expressionismo alemão. Artistas significativos do Expressionismo alemão utilizaram muito da xilogravura como meio expressivo em seus trabalhos.

Não aceitando o conceito de “arte pela arte”, objetivaram por um conceito de arte voltada para o social, para o homem em sua luta diária pela sobrevivência, sendo este o elemento principal em suas obras. Uma arte com função social, com função democrática sempre pronta para denúncias sociais. Tal atitude contestatória do Clube de Gravura fez com que elegessem a xilogravura como a técnica por excelência de reprodução democrática de imagens para a divulgação da arte, objetivando valorizar a tradição figurativa e regional.

O início dos processos de gravura como reprodução de imagem e texto no Brasil, foi um pouco tardio se comparado com outros países, tais como Alemanha, Itália e França. A sua origem em nosso país, além de morosa, insegura e sem direção a seguir, deve-se às leis impostas por Portugal à sua colônia, que proibiam a existência da imprensa. Por sua vez, esse fato dificultou o seu desenvolvimento em terras brasileiras, pois a origem da Gravura é relacionada e completada com a imprensa, uma vez que, a implantação da imprensa no Brasil ocorreu somente com a criação da Imprensa Régia, em 13 de maio de 1808.

Cumprе salientar, que o interesse nesse trabalho, não é a xilogravura como um meio, mas como um fim - a xilogravura artística - que a partir do século XX se iniciou com artistas brasileiros ou artistas estrangeiros aqui radicados, que começaram a trabalhar a xilogravura em madeira de fio e posteriormente em madeira de topo. Oswaldo Goeldi (1875-1961), Lívio Abramo (1903-1992), Axl Leckoschek (1889-1978), Lasar Segall (1891-1957) e Carlos Oswald (1882-1971), são considerados os artistas pioneiros na xilogravura.

Outro precursor que merece destaque na gravura em metal foi Carlos Oswald (1882-1971), tendo ministrado em 1914 o primeiro curso de Gravura em metal no Liceu de Artes e Ofício do Rio de Janeiro. Lecionou, ainda, na Fundação Getúlio Vargas, na Biblioteca Nacional e em seu ateliê, formando uma geração de artistas como Poty Lazzarotto (1924-1998), Hans Steiner (1910-1974) e Renina Katz (1925).

Danubio Gonçalves estudou xilogravura com o gravador e ilustrador austríaco Axl Leskoschek (Austria, 1889-1976) que viveu no Brasil no período de 1940 a 1948 e os processos da gravura em metal com Carlos Oswald em Florença (1882-1971).

No ano de 1950, Danúbio mudou-se para o interior do Estado do Rio Grande do Sul, afim de vivenciar de perto as realidades regionais, e desenvolver os trabalhos de acordo com a sua ideologia estética e política. Sai de seu atelier urbano e vai à busca de outras realidades sociais, como o trabalho do homem no campo, nos abatedores de bois e nas minas de carvão. Observa e enfrenta realidades, e contextos sociais de sua terra, onde homens trabalhadores mostram o seu cotidiano sofrido e miserável. Refletindo e observando a realidade exterior, desenvolve a sua realidade interior de forma expressiva. Em busca dessa realidade sofrida da lida diária de trabalhadores, desenvolve duas importantíssimas séries em xilogravuras na década de 1950 que são: *Xarqueadas* e *Mineiros de Butiá*.

Nessas séries, faz um registro histórico e social do seu tempo; são situações vivenciadas, são obras verdadeiramente expressivas e não meras ilustrações da realidade vivida pelo artista. Através dessas xilogravuras, nos apresenta sem subterfúgios técnicos e formais as condições desumanas a que operários eram obrigados a se sujeitarem na lida diária para o próprio sustento e o dos seus familiares. Mostra o sentido trágico dos desconcertos humanos através das resoluções dramáticas do expressionismo, não tanto pelas deformações, mas sim pela dramaticidade da luz e sombra dos momentos sofridos e trágicos da vida, na luta pela sobrevivência.

Com a gravação incisiva, direta como sendo o símbolo da sua consciência, marca a sua passagem e a sua individualidade, sempre buscando o coletivo através da sua arte, materializando contornos, definindo formas através da gravação, da criação ousada e da impressão. Sabe muito bem que para criar uma gravura como

se propõe é necessário tempo de reflexão, de maturação, e para tanto faz belíssimos estudos a lápis, e grande quantidade de desenhos de homens trabalhando nos seus afazeres cotidianos, captando gestos, expressões, relações entre fundo e figura, instrumentos de trabalhos e composições dos elementos em cena.

Em decorrência de sua busca nos apresenta xilogravuras realistas, com cortes diretos, limpos, seguros, incisivos, sintéticos na madeira de topo ou de fio, no linóleo ou no eucatex conseguindo resultados tensos e densos através do claro – escuro e da síntese formal.

Para que Danúbio Gonçalves desenvolvesse as séries *Xarqueadas* e *Mineiros de Butiá*, através desses estudos, deixou somente os elementos necessários para resolver as xilogravuras, eliminando os elementos considerados supérfluos. Trabalha com luz e sombra para dar um clima mais trágico no contexto. Evita conscientemente a participação do emocional lírico, não que isso seja pecaminoso, mas totalmente desnecessário para ele.

Contudo, nessas xilogravuras o artista mostra sabiamente que as idéias não poderão ser subjugadas pelo sentimento e que o sentimento não poderá deixar de participar, tendo como resultado trabalhos fortes, profundos, conseguindo com isso que a superficialidade não tomasse parte de sua obra, mas sim a expressão máxima do realismo. Um realismo em todo o sentido, um realismo formal e de comportamento, como bem preconizou Gustave Courbet, quando anunciara o seu programa pictórico em 1847:

[...] um realismo integral, abordagem direta da realidade, independente de qualquer poética previamente constituída. Era a superação simultânea do “clássico” e do “...romântico” enquanto poéticas destinadas a mediar, condicionar e orientar a relação do artista com a realidade”. (COURBET apud ARGAM, 1992, p. 75).

Em 1953, o Clube da Gravura se consolida, com o lançamento da série *Xarqueadas*, título do livro de Pedro Wayner, com as xilogravuras de topo de Danúbio Gonçalves, consideradas o trabalho mais representativo de todo o evento. Grava a matança de reses e apresenta esta realidade sem a sedução cromática,

somente com o preto e com a luz da cor branca do papel, para não prejudicar a sua expressão imediata, e a gravação sobre a madeira não possui qualquer regra ou virtuosismo técnico que possa prejudicar ou comprometer as suas xilogravuras onde buril afiado corre sobre a madeira deixando marcas, cortes como o fio da faca que disseca a carne bovina. Os títulos das gravuras são representativos das cenas: *Tirador de Carretilha, Matrambeiros, Zorra, Zorreiro, Espera e Carneadores.*

Na xilogravura de topo *Zorreiros* (figura nº.1) de 1953, o corpo da rês morta estendida sobre a carreta é um peso que cria a tensão com relação aos três zorreiros que a puxam, um pela cauda e os outros dois com correntes amarradas na cabeça. A tensão dos corpos nos faz imaginar o peso da matéria morta. São homens rudes, de aspectos fisicamente brutos demonstrando a situação social e profissional através das suas roupas e de seus pés descalços. O tratamento de gravação dado aos zorreiros, nos faz distinguir que são homens brancos e negros. A luz e a sombra dos componentes da gravura são trabalhadas graficamente com buril faca e buril losangular, sendo que o piso e o fundo são trabalhados com buril raiado. O branco e o preto são trabalhados ora como fundo e ora como figura. A cena é composta com mais três personagens. Um do lado esquerdo acima da gravura que observando a cena empunha uma faca com certa rigidez no corpo e tensão no braço mostrando que já está pronto para o início do seu trabalho. Outros dois personagens, localizados acima mais à direita se dedicam a seus afazeres.



Figura nº. 1. Danúbio Gonçalves. Zorreiros. Xilogravura de topo, 1953.

A *Espera* (figura nº.2), xilogravura de topo produzida em 1953, é composta de sete zorreiros dispostos em círculo. São companheiros da lida diária. O branco e

preto definem as roupas e os corpos das figuras. A pele negra e a pele branca são conseguidas pela destreza e pelo conhecimento técnico de Danúbio. As texturas das roupas e dos corpos são diferenciadas pelos cortes certos nos lugares certos com o auxílio do buril raiado, do buril faca e do buril losangular. O fundo da gravura é totalmente branco, nada de luz e sombra na cena. Nada de ritmo e movimento. Tudo estático. Somente o zorreiro do primeiro plano se curva para afiar as duas facas seguradas por ele, os demais estão eretos, alguns com braços cruzados, outros segurando facas, demonstrando talvez cansaço através de suas posturas e de seus rostos indiferentes uns com os outros. O silêncio é absoluto. O diálogo inexistente. A solidão é a única companheira que ajuda a compor a cena em que os personagens estão distribuídos como em uma coreografia em tempo de espera, de espera para começarem mais uma cena da realidade profissional pesada, cheia de sangue que se evidencia em suas roupas e peles.



Figura nº 2. Danúbio Gonçalves. Zorreiros. A Espera. Xilografia de topo. 1953.

Em *Carneadores* (figura nº 3), xilografia de fio, também criada em 1953, da série *Xarqueadas*, as reses abatidas estão sendo carneadas pelos zorreiros que agachados concentradamente desenvolvem as suas funções com seus corpos e braços em movimentos, dando assim ritmo e movimento à gravura. Uma cabeça de rês jogada no centro da gravura, faz a ligação dos dois elementos principais da cena. Do lado esquerdo da gravura há um zorreiro com a mão direita no bolso e com a esquerda segura uma faca, está em posição de descanso, o rosto com a expressão de cansaço e desalento observando a cena; outro zorreiro do lado do

canto esquerdo acima carneia uma cabeça e um outro mais à direita joga água com um balde lavando o chão. No primeiro plano, a gravura é trabalhada com poucas texturas com os buris e logo no centro surgem brancos feitos com a goiva em V (ve) que vão se abrindo ao fundo, dando mais luz nos corpos dos zorreiros que estão mais próximos.



Figura nº.3. Danúbio Gonçalves. Carneadores. Xilogravura de fio. 1973.

Com relação à série *Xarqueadas* é justo e de fundamental importância apresentar o texto que o grande muralista mexicano Diego Rivera escreveu sobre a referida série publicada na Revista “Horizonte” de Porto Alegre em 1953:

Para ser honesto, eu teria que dizer uma palavra de elogio para cada uma dessas gravuras, que falam tão alto do valor da nova geração de artistas brasileiros. Há aqui coisas notáveis. Mas é preciso destacar algumas, como por exemplo esta série admirável de Villamil Gonçalves, toda inspirada nas diferentes operações do matadouro. É um verdadeiro ensaio, é uma espécie de novela curta, tecida em termos plásticos de uma intensidade extraordinária. Oxalá este exemplo seja imitado, pois os pintores falarão ao povo mais intensamente do que qualquer livro e, ao mesmo tempo, transmitiriam uma grande emoção artística com o seu valor plástico. (RIVERA, Diego, 1953).

Na série xilogravuras *Mineiros de Butiá* de 1956, onde a cor começa a participar em algumas gravuras, criadas em madeira de fio e madeira de topo, dá-se o início da consagração do artista como o maior gravador gaúcho e obviamente um dos mais importantes do país.

A cor participa não como um elemento de sedução, mas sim como um elemento necessário compositivo à gravura. Danúbio, além de nos mostrar, a realidade interna do contexto das minas, nos mostra também os mineiros nos seus afazeres da lida diária da realidade externa da mina. Em uma delas nos apresenta homens empurrando um carrinho cheio de carvão sobre os trilhos. Tudo é força bruta, é tração animal. A luz dos lampiões define os corpos dos trabalhadores elaborados com buril raiado, buril faca e buril losangular.

Em outra xilogravura, há mineiros agachados carregando o lampião de carbureto antes de descer à mina; e também uma picareta. Há uma gravura cuja cena está mostrando homens cortando troncos de árvores que servirão de escoras para as galerias da mina. Aparecem também, lugares onde as escoras já foram colocadas. Em outra xilogravura de topo (figura nº. 4) de 1956, a cena é a céu aberto, onde mulheres, homens e crianças coletam com as mãos, seus instrumentos de trabalho, os restos de carvão para o consumo diário em suas casas. São corpos frágeis, desnutridos, curvados que criam o ritmo e o movimento carregando baldes cheios ou puxando carrinhos de mão. Duas mulheres que estão embaixo no canto esquerdo, uma curvada querendo quebrar algo e a outra ajoelhada são tratadas com cortes de buril faca e losangular dando-lhes luz nos corpos. Ao centro, embaixo, uma criança em preto com a mínima interferência de luz é valorizada pelo fundo totalmente em branco. Duas figuras do centro para a direita, um homem carregando um balde mostra a sua força total para o transporte do mesmo e a mulher mais à frente e mais à direita com o seu balde cheio de carvão, o corpo pesado, como se estivesse preso ao solo, demonstrando falta de energia para sua locomoção. Personagens ao fundo ajudam a dar o ritmo. Na linha do horizonte há tratamentos de texturas com buril raiado sugerindo casas, sendo que ao lado direito há uma mais visível num plano mais a frente. Da terra sobe para o céu o negro do carvão que se abre em movimentadas nuvens brancas trabalhadas a buril.

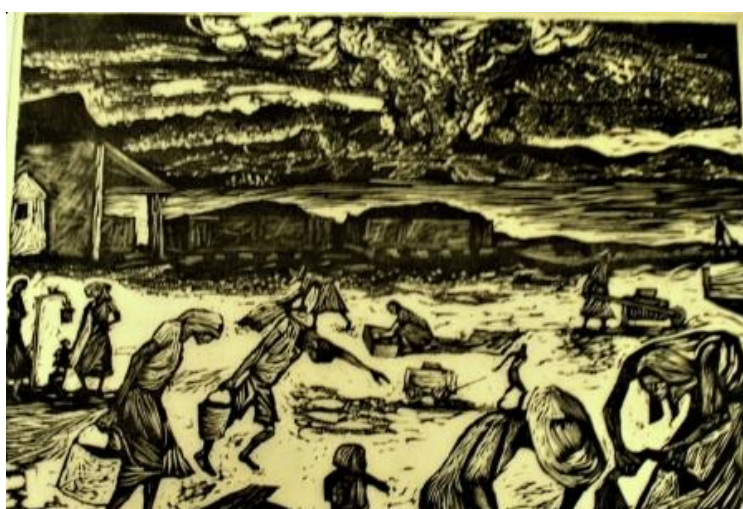


Figura nº 4. Danúbio Gonçalves. Série “Mineiros de Butiá”. Xilogravura de topo. 1956

Danúbio desceu às minas de carvão de Butiá no Rio Grande do Sul, como Van Gogh (1853-1980) desceu aos subterrâneos das minas da lúgubre, miserável e triste região de Wasmes, na Bélgica. Danúbio grava nessas xilogravuras a realidade profissional de homens miseráveis, humilhados em sua condição desumana para vivenciar a realidade sem luz, sem esperança e, de vidas tênues como as chamas dos lampiões que os mineiros carregam com suas mãos. Na xilogravura de topo *A Morte do Mineiro*, de 1956 (figura nº 5), um corpo estendido no centro da cena é o ator principal daquela realidade escura como o manto da morte. O corpo sem vida está estendido sobre uma carreta e é iluminado pelos lampiões dos seus colegas que estão ao seu redor presenciando e vivenciando o inesperado da difícil e desumana profissão. O buril silenciosamente abre luzes e contornos no morto e nos demais mineiros. O espaço preto transforma-se em luz, definindo graficamente as figuras silenciosas demonstrando desânimo, olhos assustados e cabeças baixas. Corpos em desalento, tudo muito sombrio. A incerteza de seus destinos e de suas vidas. O buril percorre a madeira transformando o trágico em expressão plástica e a morte em criação. O contexto nos é apresentado e os nossos olhos tentam e começam a adivinhar as formas, as figuras vão surgindo da escuridão. Os buris rasgam as luzes necessárias para sugerirem as formas, os volumes e os contornos. O negro é forma e fundo. A descrição do ambiente, das figuras e das coisas apresenta-se aos nossos olhos com toda a intensidade, a densidade e a dramaticidade possível. A realidade crua é encarada de frente, prescindindo de qualquer preconceito estético.



Figura 5. Danúbio Gonçalves. "A Morte do Mineiro". Xilogravura de topo. 1956.

Na série *Mineiros de Butiá*, Danúbio apresenta uma pura constatação de uma realidade sofrida e pobre, eliminando a fantasia, o sonho e o agradável de se ver. Uma verdadeira constatação de outra realidade, e apresenta uma nova postura artística através de um dos processos mais antigos de reprodução de uma imagem: a xilogravura. Mais do que representar o tema, os homens trabalhando em ambientes nada seguros e saudáveis, representam o clima e a atmosfera pesada, de uma vida sofrida, sem perspectiva de uma vida próspera e saudável. A vida puramente física, bruta dos trabalhadores e das coisas pertencentes àquela realidade.

Após as séries *Xarqueadas* e *Mineiros de Butiá*, cria outras obras com diferentes elementos: domadores, homens pilchados, cavaleiros e pessoas na lida do campo. Estas gravuras tiveram como matrizes o eucatex, madeira de fio e madeira de topo trabalhadas com buril. A cor entra em algumas xilogravuras como resolução plástica necessária, como na gravura de 1963 cujo título é *Matança* onde participam o preto e as cores cinza e vermelho. Esta gravura representa três mulheres e um homem na lida caseira do campo que com certa dramaticidade cria todo o clima denso da cena. O homem puxa uma cabra, que se recusa a acompanhá-lo, como se soubesse o seu destino. Ao lado do homem que puxa o animal estão as duas outras mulheres, sendo que uma segura uma faca pontiaguda de forma agressiva mostrando o iminente final. Ao seu lado vê-se outra mulher apoiada num bastão que parece andar com dificuldades e recebe a atenção da companheira. Danúbio cria tensão e dramaticidade na cena, com a postura arcada e tensa do homem e das mulheres, em contrapartida ao corpo tenso do animal que recusa a seguir para o seu destino trágico. A cena é valorizada pela resolução formal e pelas posturas sugerindo movimento dos elementos. Duas mulheres usam tiras de panos vermelhos na cabeça para prender os cabelos, sendo que a mulher que empurra a cabra está com os cabelos desalinhados compondo melhor a representação de uma mulher no trabalho duro do dia a dia. A vaidade não está presente, só a realidade crua, a realidade dos seus corpos contorcidos e curvados, a realidade difícil da sobrevivência. O realismo da cena é dado pelos corpos tensos e

densos dos elementos elaborados em contornos preto e as partes dos corpos texturadas em preto e cinza, sendo que a cor vermelha participa para criar maior dramaticidade na gravura. O vermelho é o sangue que está prestes a jorrar do corpo da cabra.

Danúbio Gonçalves, um dos principais artistas da arte da xilogravura do nosso país, faz parte da história do surgimento da arte moderna do Rio Grande do Sul. Utilizando a xilogravura como meio de expressão máxima sua arte, retrata a vida deplorável de trabalhadores em um período da nossa história, onde estavam sujeitos a estruturas de exploração-expolição.

REFERÊNCIAS:

DANÚBIO GONÇALVES: **Caminhos e Vivências**. Porto Alegre: Fumproart, 2000.

----- . **Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - MARSG**. Porto Alegre, 1992.

----- . **Catálogo de Exposição. Museu de Arte do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. RS, 1994.

COSTELLA, Antônio. **Introdução à Gravura e História da Xilogravura**. Campos de Jordão: Mantiqueira, 1984.

FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e Letra - Introdução à bibliologia: a imagem gravada**. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1977.

IMPRESSÕES **Panorama da Xilogravura Brasileira**. Santander Cultural. Porto Alegre, 2004.

LEITE, José Roberto Teixeira. **A Gravura Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1966.

MOSTRA da **Gravura Brasileira**. Fundação Bienal de São Paulo. São Paulo,

RIVERA, Diego. **Revista “Horizonte”** – Porto Alegre- 1953, in catálogo Retrospectiva Xilogravuras. 1988.

SCARINCI, Carlos. **A Gravura no Rio Grande do Sul 1900-1980**. Porto Alegre/RS - Série Documenta 10: Mercado Aberto. 1982.

ZANINI, Walter. **História Geral da Arte no Brasil**. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983.

Norberto Stori

Mestre e Dr. em Comunicação e Artes/Universidade Presbiteriana Mackenzie. Livre Docente em Arte Visuais/Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista/UNESP/SP. Prof. Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura/CEFT. Artista plástico com exposições individuais e coletivas nacionais e internacionais; prêmios; obras em acervos de museus brasileiros e coleções particulares nacionais e internacionais.

Petra Sanchez Sanchez

Pós-graduada em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP), com doutorado em Ciências pela USP; Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura; Docente e pesquisadora na Universidade Presbiteriana Mackenzie.